

**PERCURSOS PARA O DIÁLOGO:
A EDUCAÇÃO DOMICILIAR E AS
POSSIBILIDADES DE PRODUÇÃO
ACADÊMICA ACERCA DO
TEMA NO BRASIL**

*ROADS FOR DIALOGUE: HOMESCHOOLING AND THE
POSSIBILITIES OF ACADEMIC WORK ABOUT
THE THEME IN BRAZIL*

Giuliana de Cássia Pinto da Matta¹³

13 Graduada em Licenciatura em História e Mestre em história pela UFPE. Com experiência em História e Filosofia da Educação, tendo atuado como professora substituta na UFPE, até a mudança para João Pessoa quando assumiu o cargo titular de Professora de Histórias na Prefeitura Municipal. Atualmente é acadêmica de Pedagogia e desenvolve pesquisas na área de Educação Cristã Reformada e Educação Domiciliar. Email: prof.giuliana@yahoo.com

RESUMO

A partir da experiência de participação na 2ª Conferência Educação Domiciliar e da análise dos trabalhos acadêmicos divulgados no site da ANED, notou-se que existem duas esferas distintas de debate acerca da Educação Domiciliar no Brasil. Enquanto a academia dá proeminência aos aspectos jurídicos, os praticantes desta modalidade educacional estão ocupados em debater metodologias que otimizem suas experiências domésticas, familiares, financeiras e, principalmente, o processo ensino-aprendizagem das crianças e adolescentes. Obviamente a situação jurídica foi tratada na Conferência, mas de forma objetiva e pontual, de maneira a deixar as famílias com um sentimento de segurança e acolhimento, visto que ainda não há uma legislação que regule especificamente a prática no país. Então, passou-se somente às questões didáticas. Este artigo, portanto, tem o objetivo de analisar as famílias educadoras a partir dos seus protagonismos e questionar por que estes agentes ainda tem uma visibilidade temática tão restrita nos debates científicos. A partir das metodologias: pesquisa participante e pesquisa bibliográfica, concluiu-se que a academia carece de um olhar multidisciplinar para o tema Educação Domiciliar, tão complexo e, por hora, considerado polêmico. No entanto, este exercício acadêmico pode vir a contribuir para a construção de um diálogo fecundo entre famílias, escola e sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Educação, Educação Domiciliar, Pesquisa Acadêmica, Família, Diálogo.

ABSTRACT

From the experience of participation in the 2nd Homeschooling Conference and the analysis of the academic works published on the ANED website, it was noted that there are two distinct spheres of debate about Homeschooling in Brazil. While the academy gives prominence to the legal aspects, practitioners of this educational modality are busy discussing methodologies that optimize their domestic, familiar, financial experiences and, especially, the teaching-learning process of children and adolescents. Obviously, the legal situation was dealt with at the conference, but objectively and punctually, in order to leave families with a feeling of security

and welcomeness, since there is still no legislation that specifically regulates the practice in the country. Then, it was focused on didactic questions. This article, therefore, is focused in analyzing the educational family through their protagonism and asks them the reason of having a tight thematic visibility in scientific debates. From these two methodologies: participant research and bibliographic research, it is concluded that the academy needs a multidisciplinary look on the Homeschooling theme, so complex and, for now, considered controversial. This academic exercise can contribute to the construction of a fruitful dialogue between families, school and society.

KEYWORDS

Education, Homeschooling, Academic Research, Family, Dialogue.

1. INTRODUÇÃO

Nos dias 27 e 28 de setembro de 2019 aconteceu em João Pessoa, estado da Paraíba, a “2ª Conferência de Educação Domiciliar”. Com o tema “as raízes para uma educação domiciliar de excelência”, a conferência aconteceu nas dependências da Igreja Batista de Tambaú. E contou com a presença, entre outros palestrantes, de Ricardo Dias, atual presidente da Associação Nacional de Educação Domiciliar (ANED).

Segundo consta no site na Associação, a ANED surgiu em 2010 quando “um pequeno grupo de pais, insatisfeitos com a educação que seus filhos estavam recebendo nas salas de aula, começam a se encontrar para discutir a questão¹⁴”. O documento publicado no site não apresenta mais informações sobre os motivos destas insatisfações, das formas como estas famílias se relacionavam com as referidas escolas, ou mesmo o que elas compreendiam sobre os conceitos de educação e escolarização. O breve histórico, apresentado no site, opta por dar enfoque as ações da ANED a partir do momento em que ela é constituída.

É compreensível, no entanto, escolher uma linha narrativa que busque evitar situações de conflito com aqueles que defendem a escola como único espaço possível para educação formal e, ao mesmo tempo, seja esclarecedora para aqueles que tão somente desconhecem a possibilidade do processo

¹⁴ <https://www.aned.org.br/historico-completo>, em 14/11/2019

educacional existir fora da escola. Para tanto, a ANED se apresenta da seguinte forma:

A ANED – Associação Nacional de Educação Domiciliar – é uma instituição sem fins lucrativos. Fundada no ano de 2010, por iniciativa de um grupo de famílias. A principal causa defendida pela ANED, é a autonomia educacional da família. Não nos posicionamos contra a escola, mas entendemos que, assim como os pais têm o dever de educar, têm também o direito de fazer a opção pela modalidade de educação dos filhos. Defendemos, portanto, a liberdade, e a prioridade da família na escolha do gênero de instrução a ser ministrado aos seus filhos. Isso com base na Declaração Universal de Direitos Humanos, artigo 26, e no Código Civil Brasileiro, artigo 1.634¹⁵.

Após apresentar a estrutura, origem e propósito da Associação, note-se que o documento salienta sua posição dialógica: “*não* [grifo da autora] nos posicionamos contra a escola”. Segue-se explicando a possibilidade da aplicação da modalidade Educação Domiciliar e, por fim, apresenta o ordenamento jurídico básico que sustenta a argumentação.

No site é possível notar uma gama de ferramentas que podem auxiliar os mais diversos públicos interessados em conhecer a Educação Domiciliar (ED). Para o propósito do presente texto foi observado o espaço dedicado a publicação de trabalhos acadêmicos. A partir da experiência de participação na Conferência supracitada, na condição de ouvinte, a intenção é tentar construir um diálogo entre a teoria e a prática.

Até a escrita deste artigo, haviam sido publicados no site da ANED pouco mais de cinquenta trabalhos, entre artigos, monografias, dissertações e teses. Destes, mais de 80% eram das áreas de Direito e Educação¹⁶. Mesmo aqueles publicados pelos departamentos de Educação, em sua maioria significativa, versavam sobre as situações jurídicas do tema. Fossem os litígios

15 <https://www.aned.org.br/sobre-nos/quem-somos-aned>, em 14/11/2019

16 Até a conclusão deste artigo, haviam na página da ANED a publicação de exatos 56 trabalhos sobre o tema Educação Domiciliar. Destes, 20 eram da área de Direito e 27 da área de Educação, totalizando – em percentuais – 83,93% do universo exposto.

que as famílias enfrentavam, ou os debates dos legislativos nas diversas esferas: municipal, estadual e federal.

Esta situação não está alheia a realidade das famílias praticantes da ED, por isso a palestra de abertura da Conferência foi “Para onde caminha a Educação Domiciliar no Brasil?”, proferida pelo presidente da ANED, Ricardo Dias. Em sua fala, ele mostrou o crescente número de famílias que estão aderindo a esta modalidade, narrou os avanços nos debates no âmbito Legislativo e explicou como devem se portar no caso de receberem visitas do Conselho Tutelar, considerando a insegurança jurídica do país. A preocupação do palestrante era sempre deixar os presentes seguros em relação as suas escolhas. Conforme todo o ordenamento jurídico já existente no país.

É mister, ainda neste espaço introdutório, deixar claro que este artigo teve como objetivo analisar duas realidades: as famílias praticantes da educação domiciliar e a produção acadêmica acerca de suas práticas. A partir desta primeira inferência, procurou-se investigar quais campos de pesquisa poderiam se abrir à temática “educação domiciliar” e como estas investidas poderiam ser feitas. Quais contribuições o diálogo entre famílias educadoras e academia poderiam ser feitas à sociedade. Para isto foram usados dois tipos de metodologias de pesquisa: a pesquisa participante e a pesquisa bibliográfica.

2. AS DISPUTAS ATRAVÉS DAS NARRATIVAS

As instruções e atuações dos conselhos tutelares em todo país precisam ser analisados a partir do momento histórico em que o Brasil vive. Existe hoje, por parte do governo federal, uma escolha ideológica pelo liberalismo. O que pode vir a contribuir efetivamente para consolidação da modalidade ED no país. Como relata matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo, no dia 12/07/2019:

Ainda sem aprovação de lei que regulamente o ensino domiciliar no País, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, comandado por Damarens Alves, orientou os conselhos tutelares de todo o Brasil a não considerar como evasão escolar os casos de crianças e adolescentes que não estejam matriculadas em

escolas e são educadas em casa, o homeschooling¹⁷.

Os adeptos e defensores desta modalidade de ensino, no entanto, esbarram na forma como o pensamento acadêmico foi gestado nos últimos três séculos. A mesma matéria mostra uma representação junto ao Supremo Tribunal Federal, do Ministério Público Federal, declarando a inconstitucionalidade da recomendação ministerial. O objetivo deste artigo não é debater as questões jurídicas da realidade acerca da ED no Brasil, mas as possibilidades de pensar esta temática academicamente para além das questões litigiosas, considerando a multiplicidade de aprendizagens possíveis que esta modalidade de ensino pode oferecer.

O que move um agente público agir contra famílias que se empenham em oferecer a melhor educação possível aos seus filhos? O que faz este agente supor que a educação formal só é possível dentro dos prédios escolares? É possível que a historiadora Gertrude Himmelfarb possa oferecer alguma explicação sobre estas questões.

Em seu artigo “Economia Política”, Rousseau tratava da necessidade de educação pública, não no sentido prosaico da leitura, escrita e aritmética, mas como uma disciplina moral e social. Educação, nesse sentido mais amplo, explicava ele, era muito importante para ser deixada aos “entendimentos e preconceitos” dos pais mortais, já que “a família se dissolve, mas o Estado permanece”. Assim, a autoridade pública deveria tomar o lugar dos pais e assumir a responsabilidade de imbuir as crianças de “leis do Estado e das máximas da vontade geral”¹⁸.

Foi por volta do século XVIII que a educação pública passou a ter o objetivo de formar moral e eticamente as pessoas.

17 <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,governo-bolsonaro-orienta-conselhos-tutelares-a-nao-considerar-homeschooling-como-evasao-escolar,70002919903>, em 17/11/19

18 ROUSSEAU, “Political Economy”. In: *Encyclopedia*, ed. Gendzier, p. 195. Apud. HIMMELFARB, Gertrude. *Os caminhos para a modernidade: os iluminismos britânico, francês e americano*; São Paulo; É Realizações; 2011. p. 221.

Para os intelectuais deste período e seus seguidores, as estruturas sociais milenares como família e religião poderiam se dissolver, mas a novidade chamada Estado Moderno permaneceria para sempre. A partir da crença no Estado foi-se elaborando filosofias e metodologias educacionais apostando na possibilidade de se efetivar um projeto específico: formar uma nação “com espírito comunitário”. Os agentes do Estado passaram a ser embebecidos com a ideia vaidosa de que os pais seriam incapazes de educar as crianças. O *philosophe* de Rousseau não está manchado pelos “entendimentos e preconceitos” de seus pais. Não importa ensinar leitura, escrita e aritmética. Importa “formar o cidadão”.

O trecho citado acima, do artigo “Economia Política”, encontra-se na *Enciclopédia*. Esta foi uma obra que tinha a pretensão de copilar todo o conhecimento humano no século XVIII. Uma das primeiras consequências provocadas pelos ideais fomentados por esta publicação foi o “terror jacobino”, fase mais assassina da Revolução Francesa, com números de mortos na casa dos milhares em aproximadamente um ano. Há de se considerar este fato relevante, pois “Condorcet e alguns dos *encyclopedistes* viveram para vê [a revolução] – e morreram por causa dela”¹⁹.

O ensino de história escolarizado, regido pelo Estado e limitado às publicações didáticas aprovadas por ele, segue na contramão da narrativa exposta acima. Durante o Terror, “os franceses se alistavam com entusiasmo para defender a Revolução em curso”²⁰; ou “foi nesse momento que grande parte das conquistas – principalmente as populares – foi consolidada”²¹. Esta é a narrativa hegemônica, que continuará a ser propagada nas escolas públicas de todo o país, pelo menos nos próximos três anos, através do Programa Nacional do Livro Didático, na componente curricular de História²². Eis porque, entre outros motivos, perceber a História fora da perspectiva da luta de classes

19 *Idem*. p. 236.

20 VAIFAS, Ronaldo [et. al.]. *História.doc, 8º ano: ensino fundamental, anos finais*. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2018. p. 33.

21 SERIACOPI, Gislane Campos Azevedo. *Inspire história: 8º ano: ensino fundamental: anos finais*. 1.ed. São Paulo: FTD, 2018. p. 77.

22 O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-aco-es-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>, em 26/11/2019.

torna-se tão difícil para a maioria das pessoas: por falta de acesso à informação diversa.

No ensino superior a narrativa a partir da luta de classes também é a hegemônica nos departamentos ligados às licenciaturas. E isto acaba interferindo e impedindo debates que se proponham como uma perspectiva de cunho liberal, que se ocupem das liberdades e responsabilidades dos indivíduos, como é o caso do tema Educação Domiciliar. A partir disto, é possível compreender a postura da academia frente a ED. Tal postura pode ser resumida no trecho da tese da professora Luciene Barbosa, discutindo a obra do também professor Lubienski.

Para esse autor, além dos benefícios privados, a educação tem efeitos públicos (sejam eles bons ou maus), sendo ela própria um bem público. Por esse motivo, a população em geral tem interesse na forma como ela é provida. Mas o ensino em casa nega esses interesses e mina o bem comum de duas formas: primeiro porque as famílias que optam pelo ensino em casa tendem a ser articuladas, ativas e interessadas na educação de seus filhos, o que poderia beneficiar os alunos das escolas públicas ao experimentarem uma educação resultante dessas influências e participações; segundo, em um nível institucional, a opção por tirar as crianças da escola prejudica tanto a democracia deliberativa como a educação pública como uma instituição com potencial de servir o bem comum.²³

A intelectualidade construída nos últimos três séculos fez da educação institucionalizada um local “não de aperfeiçoar as noções escolares, mas sim de preparar para a vida²⁴”, portanto escolher a modalidade ED seria uma ação imoral, segundo estes intelectuais, porque a única moralidade possível precisaria ser aquela ensinada na escola. Mesmo que o atual Executivo (como posto anteriormente) se posicione favorável, ainda que haja um

23 LUBIENSKI, C A *Critical View of Home Education. Evaluation and Research in Education*, v. 17, n.2&3, p. 167-178. 2003 APUD. BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. *Ensino em casa no Brasil: um desafio à escola?* / Luciane Muniz Ribeiro Barbosa; orientação Romualdo Luiz Portela de Oliveira. São Paulo: s.n., 2013. p. 263.

24 PESTALOZZI, 1969, p. 94 apud INCONTRI, 1997, p. 96

movimento crescente e positivo nas câmaras legislativas e no entendimento da sociedade civil.

O problema da falta de compreensão, por parte dos intelectuais da educação, está no fato deles antagonizarem escola pública e famílias que praticam ED de maneira estanque. A partir da leitura do trecho citado pela professora Barbosa, pode-se inferir que dois pontos importantes são deixados de lado dentro deste debate. Primeiro, as famílias de ED são plenamente conscientes que seus filhos – quando em idade adulta – serão participantes ativos da sociedade civil. Portanto, educá-los com uma consciência democrática faz parte do currículo doméstico. Segundo, seguindo a lógica de Lubienski, as famílias que matriculam seus filhos em escolas particulares estariam incorrendo no mesmo erro que os pais da ED, porque estas também “tendem a ser articuladas, ativas e interessadas na educação de seus filhos”, a começar pelos valores que investem nas mensalidades escolares.

A melhor resposta aos problemas elencados neste artigo tem sido oferecida pela própria ANED, e pelas inúmeras famílias de ED não associadas: o diálogo. Para a elaboração deste artigo, fez-se o exercício de ler os resumos de todos²⁵ os trabalhos científicos publicados na página da Associação²⁶. Alguns trabalhos foram lidos na íntegra e outros tiveram trechos investigados. É importante salientar que lá estão publicadas as mais variadas posições, a favor e contrárias ao tema. A tese da professora Barbosa está lá! Poder-se-ia, portanto, dizer que enquanto a teoria produzida pelos espaços acadêmicos ocupa-se das críticas à modalidade, a prática pedagógica das famílias na ED contribui para a democracia, servindo ao bem comum.

3. POR QUE EDUCAÇÃO DOMICILIAR?

Outra palestra proferida na primeira noite da Conferência teve como tema o título deste item: “por que educação domiciliar?”.

25 Foram lidos os 56 resumos exposto na página da ANED, com o objetivo de compreender o que atrai os pesquisadores sobre a temática Educação Domiciliar.

26 Sendo uma pesquisa passível de desdobramentos, já se tem conhecimento do número muito maior de produção científica sobre o tema, no entanto optou-se deliberadamente por se ater apenas aos que estavam publicados no site para a escrita deste artigo.

Ministrada por duas mães praticantes da ED, Renata Santos²⁷ e Arielle Pedrosa, elas inseriram a pergunta “e por que não?” durante suas falas, pois não constava no material de divulgação do evento.

A primeira parte da fala foi ministrada por Renata Santos e versou sobre o caminho que uma família faz para escolher a modalidade ED. Renata fez uma analogia entre a sua palestra e o método de ensino chamado Trivium, muito comum entre aqueles que aderem esta modalidade. O Trivium é uma parte das chamadas “artes liberais”, das quais “denotam [...] ramos do conhecimento que iniciam o jovem numa vida de aprendizagem. O conceito é do período clássico, mas a expressão e a divisão das artes [...] datam da Idade Média”²⁸. Segundo Miriam Joseph,

O trivium inclui aqueles aspectos das artes liberais pertinentes à mente [...]. Lógica, gramática e retórica constituem o trivium [...]. A lógica é a arte de pensar; a gramática, a arte de inventar símbolos e comunicá-los para expressar o pensamento; e a retórica, a arte de comunicar pensamento de uma mente a outra, ou de adaptar a linguagem à circunstância.²⁹

O caminho sugerido por Renata para responder à pergunta inicial é primeiro reconhecer em que posição social a família se encontra. Na fala, ela sugere existirem quatro grupos relacionados à realidade da ED. O primeiro grupo é o “descaso”³⁰, a este grupo a ED não se aplica. O segundo grupo é o do “receio”, este é dividido em dois; aqueles preferem aguardar a regulamentação para tomar alguma posição; e aqueles que abertamente militam contra a ED. O terceiro, são os que começam a se interessar pela modalidade, mas postergam por causa dos

27 Renata Costa de Miranda Santos, mãe homeschooler [educação domiciliar] de 4 filhos (3 adolescentes e 1 criança). Graduada em Fisioterapia, pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior e Saúde da Família. Mestre em Neurociências pela UFMG. Professora universitária por 10 anos quando decidiu se dedicar exclusivamente a homeschooling [educação domiciliar]. Atualmente é coordenadora da associação nacional Educar e uma das diretoras nacionais do Currículo Classical Conversations. (Texto cedido pela palestrante).

28 JOSEPH, Miriam. *O Trivium: as artes liberais da lógica, gramática e retórica: entendendo a natureza e a função da linguagem*. São Paulo: É Realizações, 2008. p. 27

29 *Idem*. *Ibidem*.

30 Segundo a palestrante, descaso significa qualquer configuração familiar que nunca ouviu falar de ED ou quando ouviu não se interessou.

questionamentos de parentes ou outros preconceitos da sociedade. E por último, tem-se o grupo que escolhe se aproximar e estudar as possibilidades de aplicar a modalidade ED às suas famílias.

Seguindo a analogia inicial, Renata Santos afirma que os grupos três e quatro estariam na fase gramatical do Trivium. Consonante com Joseph, “a gramática geral diz respeito à relação das palavras com as ideias e com as realidades”, ou seja, estes grupos estariam usando seus intelectos para traduzir a realidades que lhes cerca.

Faz-se necessário considerar que as artes liberais podem ser aplicadas simultaneamente, no entanto, para efeitos didáticos, Renata optou por fazer a analogia de forma progressiva. Segundo ela, depois da gramática, vem a fase da lógica – ou dialética. Os pais passam a se perguntar: “por que não fazer ED? Por que sou proibido de fazer ED?”. Segundo os autores Harvey e Laurie Bluedorn, referencias entre os praticantes desta modalidade no Brasil, nesta fase os pais começam a perceber que

o lar deve ser o centro da educação. Educar é função da família que foi ordenada por Deus. A ninguém mais é dada a responsabilidade de educar nossos filhos. Ela não é dada ao governo ou à igreja, mas à família. É preciso uma família, não uma cidade, para educar uma criança³¹.

Outros questionamentos permeiam realidade dos que flertam com a ED: “existe inclusão de fato? O modo de aprendizagem do meu filho se encaixa nessa escola?”. Note-se que estas questões são elencadas também por pais cujos filhos estão matriculados em escolas e até mesmo por pensadores que defendem a educação institucionalizada. Estas questões, no entanto, trazem uma gama de implicações e debates que não se esgotarão imediatamente. Ainda assim, Solano Portela procura apresar alguma ideia das motivações destas famílias e quais caminhos elas pretendem trilhar.

No meio da nossa sociedade, com bases morais cada vez mais desacreditadas e atacadas, pais que procuram dirigir seus lares sob padrões

31 BLUEDORN, Harvey; BLUEDORN, Laurie. *Ensinando o trivium; Estilo clássico de ministrar a educação cristã em casa*. Brasília, DF: Ed. Monergismo, 2016. p. 42

diferentes, coerentes com a instituição da família; aqueles que se preocupam na formação de seus filhos em algo mais do que indivíduos egoístas irresponsáveis; principalmente aqueles que se empenham no direcionamento de suas famílias sob os padrões das prescrições de Deus, encontradas nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento – podem chegar às raias do desespero na procura de escolas que sejam portadoras e não destruidoras de princípios básicos necessários à educação das crianças³².

Portela não trata de ED em seu livro, mas a experiência de participação neste evento fez notar que dar protagonismo a estas famílias é perceber que elas estão apenas tentando oferecer para a sociedade mais uma resposta ao problema levantado por ele. A modalidade ED, considerando as preocupações levantadas pelo autor, não pode – e nem deve – ser pensada como única resposta aos inúmeros problemas enfrentados pela escola e pelo sistema educacional do nosso país. No entanto, faz-se necessário dar visibilidade à esta modalidade de ensino, compreender suas limitações bem como suas experiências exitosas e assim construir um arcabouço teórico que dialogue com a realidade do Brasil e contribua, através da melhora da educação, para a construção de uma sociedade mais democrática e justa.

3.1 E POR QUE NÃO EDUCAÇÃO DOMICILIAR?

A segunda parte desta palestra foi ministrada por Arielle Petrosa. Esta palestrante segue a fala da Renata, mas agora ela se posiciona para um público se não participante, efetivamente interessado em ingressar nessa modalidade educacional. Poder-se-ia dizer que Arielle escolheu falar para os “grupos 3 e 4” elencados pela palestrante anterior.

Sua fala inicia explicando que a ED é baseada na ideia de que as crianças são pessoas singulares e os pais são as melhores pessoas para compreender essas especificidades. Por isso o ensino

32 PORTELA NETO, Francisco Solano. *O que estão ensinando aos nossos filhos?: uma avaliação crítica da pedagogia contemporânea apresentando uma resposta a educação escolar cristã*. São José dos Campos, SP: Ed. Fiel, 2012. p. 37

deve ser individualizado. Essa tese encontra respaldo entre teóricos da educação cristã³³, como explica Robert Pazmiño.

As tendências que produzem experiência em uma pessoa são influenciadas por aprendizado e maturidade prévia, e o impacto da natureza e da nutrição no caso de cada pessoa não pode ser precisamente previsto, dada a realidade do próprio envolvimento da pessoa com tais influências. Portanto, não há garantia dos resultados que ocorrerão em qualquer ambiente educativo. Isso significa, por exemplo, que gêmeos idênticos podem ter lar e influências educativas semelhantes e ainda assim obterem perspectivas e aprenderem coisas diferentes³⁴.

É possível notar que as chamadas “metodologias ativas”³⁵ fazem parte das premissas básicas das famílias praticantes de ED, de forma empírica. Ainda assim como foi dito na palestra, o sistema escolar – conteudista e compartimentado – acaba sendo constituído de modo a calar a criança, onde o professor deposita o conteúdo e o aluno é obrigado a engolir sem ter tempo uma digestão sadia. Percebe-se que as famílias não estão alheias aos problemas suscitados pelo sistema educacional e pela sociedade, ao contrário debruçam-se e investigam a temática com mesmo afinco que os pesquisadores acadêmicos. Sendo, portanto, um grupo social que poderia contribuir para a análise e construção de metodologias eficientes para educação como um todo.

*33 Este não é, obviamente, um tema exclusivo a pensadores cristãos. Ao longo da história diversos pensadores, das mais diferentes vertentes ideológicas, se debruçaram sobre as possibilidades de educar o indivíduo a partir das suas peculiaridades. Pode-se citar, como exemplo, a obra *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, onde o autor debate os saberes necessários à docência em relação à uma discência formada por indivíduos e suas peculiaridades.*

*34 PAZMIÑO, Robert W. *Temas fundamentais da Educação Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p. 226.*

35 O termo metodologias (ou aprendizagens) ativas, foi inicialmente usado pelo professor inglês R. W. Revans, ainda na década de 1930. Essas metodologias objetivam que os estudantes aprendam através da resolução de algum problema de forma colaborativa. Ou no chamado movimento maker, ou seja, “faça você mesmo”, visando estimular a autonomia do estudante. Atualmente, o termo tem sido usado de forma recorrente nas discussões sobre educação, por haver um relativo consenso sobre a dificuldade de educar um público cada vez mais imerso em um ambiente digital e com pouca capacidade de concentração.

A pesquisa nos textos acadêmicos publicados no site da ANED, entretanto, mostrou o contrário. Uma tese de doutorado em Educação, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2017, é sintomática. A autora, Juliana Gavião, escreve sobre a memória infantil e como as crianças se constituem narrativamente. Segundo seu texto, o trabalho partiria dos resultados de uma oficina sobre memória construída com crianças em idade escolar. O problema enfrentado pela pesquisadora – conforme a mesma – ocorreu quando ela soube que lidaria com crianças educadas em casa. Em suas palavras:

Poucos minutos após conhecermos as crianças colaboradoras do estudo fomos informadas por Mônica [Funcionária da Oficina de Arte Sapato Florido que, entre outras funções, também oferece regularmente às crianças e jovens frequentadores daquele espaço algumas oficinas culturais], uma funcionária do local em que as oficinas foram realizadas, acerca do caráter excepcional do grupo que então me acompanharia. Não há como esquecer o modo como a mesma justificou tal configuração diante do meu silêncio: - “Será interessante acredito, você, uma pesquisadora do campo da educação ter contato justamente com essas crianças”. Interessante foi no mínimo uma palavra interessante para definir essa situação paradoxal. Seria, pois, desafiador (uma palavra que se julga, todavia, mais apropriada)³⁶.

A autora começa falando sobre o “caráter excepcional do grupo”. A excepcionalidade estaria na presença de crianças educadas em casa, como ela viria a relatar ao longo de sua tese, na sua apresentação sobre memória infantil, sobre a constituição narrativa da criança. Ao naturalizar a fala da funcionária do local, reproduzindo o termo “excepcional” sem problematizá-lo, enquanto pesquisadora ela já deixou claro que seu resultado

36 GAVIÃO, Juliana Soares Falcão. *As crianças e suas memórias de infância: escola e homeschooling nas narrativas infantis*. 2017. 160 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. p. 74.

poderia ser comprometido. Pois dentro do conceito “criança” não poderia haver excepcionalidades, se não colocadas previamente.

Permanecer em silêncio frente a esta situação salientou o lugar social da pesquisadora. A sua falta de reação corroborou o fato da academia não estar preparada para lidar com a diversidade possível das modalidades educacionais. Para os meios acadêmicos, os conceitos de educação e escolarização ainda se apresentam como sinônimos indissociáveis. A pesquisadora se mostra confrontada pela resposta da funcionária, que percebe sua surpresa, e na sua escrita reage de maneira exacerbada ao classificar a situação como “paradoxal”.

A professora Gavião, através das palavras escolhidas para descrever as relações que hora viriam a se estabelecer apresenta a percepção do significado histórico da instituição escolar para os acadêmicos. Ao chamar de paradoxal a situação na qual teria que lidar com crianças educadas em casa, a pesquisadora mostra que não foi ao campo de estudo com uma hipótese para testar, mas uma premissa para corroborar. Ao trabalhar com memórias a pesquisadora não poderia pressupor as redes nas quais as crianças estariam inseridas, mas permitir que elas construíssem essas redes. Isto é ensinado por Montenegro.

A partir do estudo das relações, das práticas, dos fatos, das ligações que são associadas a acontecimentos, é que podemos construir formas de entendimento histórico. Ou ainda, como afirma Deleuze, a questão não é mais estudar a origem ou a causa, nem a finalidade ou a consequência, mas *o que se passa entre*. Dessa maneira, a análise histórica tem como foco primordial as relações, os percursos, as práticas, porque através do seu estudo é que se poderão construir outras formas de compreensão, que desnaturalizem a relação ou a representação que procurava associar de forma unívoca o objeto ou a coisa à palavra³⁷.

Neste trecho historiador Antônio Montenegro desconstrói a metodologia da educadora Juliene Gavião. Montenegro é um dos

37 MONTENEGRO, Antonio Torres. *História, metodologia e memória*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 31

precursores da Associação Brasileira de História Oral. Esta associação foi fundada ainda nos anos 1990 e tem contribuição de pesquisadores das mais diversas áreas. Ocupa-se, principalmente, em construir narrativas históricas a partir das memórias dos indivíduos. A consonância entre os dois acadêmicos está, por exemplo, nas consultas a Walter Benjamin e Michel Foucault como referenciais teóricos. A discrepância, todavia, está no fato de Montenegro ser categórico na assertiva de que pesquisador precisa primeiro desconstruir-se e permitir que objeto pesquisado construa o percurso e não elaborar uma história teleológica a priori.

A autora apresenta uma conclusão na qual ela deslegitima as narrativas das crianças. Depois de ter aplicado uma oficina com ferramentas diversas, num espaço público, a um grupo formado por crianças escolares e ED, a autora afirma que as crianças educadas em casa “engajam a *uma* forma de vida”³⁸. No sentido em que elas não abarcavam a multiplicidade das crianças escolares. O problema do viés da pesquisa não acaba neste ponto. A pesquisadora *queria* memórias escolares e só fazia perguntas sobre escola. As crianças da ED, portanto, respondiam a partir das suas experiências educacionais – que não eram na escola! – e por isto a pesquisadora concluiu que elas estavam aquém da “multiplicidade” das crianças escolares.

Considerando a forma como foi ensinado por Montenegro de se construir narrativas a partir das memórias dos indivíduos, poder-se-ia dizer que o parágrafo final da tese da professora Gavião diz muito mais acerca da sua compreensão sobre educação, que sobre as crianças educadas em seus lares.

Portanto, o Homeschooling não se configura unicamente como a escolha em frequentar ou não a escola. Ele é mais do que isso – implica o investimento num jogo insidioso em que os sujeitos ao escapar da escola esvaziam, por efeito, a vida. Podendo então ser entendido, em outras palavras, como um exercício político de fixação da vida. Nesta direção, continuamos apostando que a criança é feita de cem: cem modos de pensar, de jogar e de falar. Contudo, nesta política da (des)invenção que sustenta um modo

38 GAVIÃO, p. 130.

homeschooler de vida roubaram-lhe noventa e nove: noventa e nove formas de ser, noventa e nove modos de pensar, noventa e nove meios de fazer-se sujeito³⁹.

Para a professora a vida das crianças só seria “cheia” se compreendida dentro do espaço escolar, desconsiderando todos os demais espaços frequentados por elas – inclusive o espaço cultural onde a oficina projetada pela mesma foi aplicada. É possível notar também que o conceito de política da mesma perpassa pelo conceito ideológico coletivista. O problema que Gavião não é capaz de perceber é que as crianças escolares têm pouco contato com crianças de outras idades, pois passam a maior parte do tempo dentro de suas salas de aula e quase nenhum contato com adultos, considerando que geralmente tem professores polivalentes, ou seja, estão em contato com um único adulto. Diferente das crianças ED, as quais são constantemente colocadas em situações desafiadoras: com crianças de diferentes idades e muitos adultos. Podendo potencializar seus conhecimentos, exercitando suas argumentações através de estratégias políticas⁴⁰.

A mentalidade da academicista precisa se desconstruir dos grilhões da modernidade. Perceber que a sociedade tem anseios legítimos de bem-estar e bem comum. E que as famílias cujos filhos são educados em casa são sujeitos ativos deste ambiente e por isso empenham-se em forma-los da melhor maneira para que perpetuem ou ampliem a boa política. Esta mentalidade modernista da academia pode ser notada à parte dos textos que defendem a regulamentação da prática no Brasil. Os demais quando voltados para analisar os processos ensino aprendizagem se empenham, geralmente, em hierarquizar as diferentes modalidades, colocando o ensino institucionalizado como superior ao ensino doméstico. É preciso repetir e deixar claro, neste ponto, que este artigo se limitou a analisar os trabalhos publicados no site da ANED. Considerando-se que podem haver trabalhos os quais apreendam a diversidade das modalidades de ensino tais como a sociedade multiversa necessita.

39 *Idem*, p. 132.

40 <https://www.stetson.edu/artsci/psychology/media/medlin-socialization-2013.pdf>, em 21/11/2019

Esta postura da acadêmica, leva a um outro momento da palestra. Arielle tece críticas ao sistema escolar no seguinte tom: “O processo educativo diz que você vai fazer as perguntas certas, você vai questionar criticamente o mundo. O problema é que as crianças querem conhecer o mundo”. Se fosse possível resumir a experiência de participação nesta conferência, enquanto profissional da educação, sugeriria resumir nesta frase. Leva-la a cabo de uma autocrítica sincera e humilde sobre a prática docente e sobre as políticas públicas acerca do ensino, principalmente do ensino escolar.

A mãe-educadora expressa o questionamento de alguns pensadores da área de educação cristã, mais especificamente da educação cristã reformada, os quais vem se debruçando sobre os caminhos percorridos pelo Construtivismo – filosofia da educação mais popular do século XX –, suas investidas e consequências. Solano Portela é um destes que questiona a filosofia construtivista.

De acordo com o construtivismo o que interessa é a pergunta e não a resposta. Na terna idade, quando os alunos mais necessitam de direcionamento e de respostas às questões a serem compreendidas, concedesse-lhes uma autonomia indevida para que pesquisem o que ainda não tem capacidade de entendimento e compreendam o que não lhes foi ensinado⁴¹.

A consequência da visão pedagógica de Piaget, praticada em inúmeras escolas, e ensinada em quase todos os nossos cursos de formação superior de professores, é, portanto, a eliminação do direcionamento da correção do rumo das salas de aula, pois seriam fatores inibidores da construção moral e intelectual das crianças⁴².

Pensadores da educação na atualidade foram formados através da modalidade de ensino que defendem: a educação institucionalizada, a escola. A qual lhes concedeu tal (falta de) direcionamento. E ainda assim acreditam na ampliação desta filosofia, sem aceitarem as consequências sociais deste tempo

41 PORTELA. p. 63.

42 *Idem*. p. 65.

como excessos de comportamentos hedonistas, falta de senso de responsabilidade e distúrbios emocionais. Os problemas enfrentados pela sociedade hoje com seus jovens, são problemas produzidos e/ou enfrentado por jovens escolares.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso deixar claro que a educação domiciliar não é concorrente da escola, não há o interesse dos que praticam nem dos que defendem esta modalidade em criar um clima de conflito entre as famílias educadoras e a escola, muito pelo contrário, a experiência de participação na Conferência mostrou uma abertura significativa, por parte das famílias, para contribuir com a pesquisa acadêmica acerca do tema Educação Domiciliar no Brasil. O objetivo deste artigo foi mostrar que assim como a sociedade é formada por múltiplos agentes identitários, estes precisam ser compreendidos a partir da sua representatividade, a partir da sua compreensão de si. E a pesquisa científica precisa estar preparada para dialogar com esta multiplicidade. Aqueles que estudam a educação precisam olhar para as famílias educadoras a partir dos seus protagonismos, da sua compreensão e atuação no mundo. Da mesma forma que se esforçam em olhar para as famílias que matriculam seus filhos nas escolas.

Quanto ao processo ensino aprendizagem é entendível, e uma defesa efetiva, que cada família tenha a liberdade de escolher a melhor metodologia a ser aplicada às suas crianças e adolescentes. No entanto, pela experiência vivenciada na Conferência, pôde-se notar metodologias historicamente consagradas aplicadas não a grupos, mas a indivíduos. O que poderia vir a ser também objeto de análise para pesquisas posteriores. Os pais se apresentam geralmente como pessoas afeitas ao estudo constante, empenhadas em pesquisar metodologias e processos de ensino que otimizem o desenvolvimento das crianças.

Não foi encontrado, por exemplo, na página do site, nenhum estudo comparativo entre os custos da educação escolar e domiciliar. Ou sobre a saúde psíquica dos adolescentes educados em casa.

Durante a participação no evento, foi sabido que já existem adultos graduados no Brasil que foram formados em casa até o ensino médio. Pesquisadores precisariam dialogar com estes

atores sociais, dar visibilidade para entender de maneira prática as consequências desta modalidade de ensino. Infelizmente, a produção acadêmica a qual se teve acesso até a escrita deste trabalho era baseada em teorias especulativas e não em resultados empíricos. Enfim, a academia precisa perceber a Educação Domiciliar como uma modalidade de ensino constituída em si. E não a analisar a partir do seu olhar institucionalizado. Isso, sim, pode contribuir para ampliação da produção acadêmica e para o debate com a sociedade sobre educação como um todo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. **Ensino em casa no Brasil: um desafio à escola?**/ Luciane Muniz Ribeiro Barbosa; orientação Romualdo Luiz Portela de Oliveira. São Paulo: s.n., 2013.

BLUEDORN, Harvey; BLUEDORN, Laurie. **Ensinando o trivium; Estilo clássico de ministrar a educação cristã em casa.** Brasília, DF: Ed. Monergismo, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidionário da língua portuguesa.** 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GAVIÃO, Juliana Soares Falcão. **As crianças e suas memórias de infância: escola e homeschooling nas narrativas infantis.** 2017. 160 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

HIMMELFARB, Gertrude. **Os caminhos para a modernidade: os iluminismos britânico, francês e americano;** São Paulo; É Realizações; 2011.

JOSEPH, Miriam. **O Trivium: as artes liberais da lógica, gramática e retórica: entendendo a natureza e a função da linguagem.** São Paulo: É Realizações, 2008.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia e memória.** São Paulo: Contexto, 2010.

PAZMIÑO, Robert W. **Temas fundamentais da Educação Cristã.** São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

PORTELA NETO, Francisco Solano. **O que estão ensinando aos nossos filhos?: uma avaliação crítica da pedagogia contemporânea apresentando uma resposta a educação escolar cristã.** São José dos Campos, SP: Ed. Fiel, 2012.

SITES E ARTIGOS

<https://www.aned.org.br>

<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,governo-bolsonaro-orienta-conselhos-tutelares-a-nao-considerar-homeschooling-como-evasao-escolar,70002919903>

<https://www.stetson.edu/artsci/psychology/media/medlin-socialization-2013.pdf>

<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-acoes-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>